

La Noche Buena se viene la Noche Buena se va y nosotros nos iremos y no volveremos más.

Manuel Gutiérrez Najera (1859-1895)

Se o nome de Deus ressoa e amor e bem nele houver, que viva em cada pessoa a religião que quiser!

Adélia Victória, em Fanal 0111

¡Arpa soy, salterio soy donde vibra el Universo: vengo del sol, ya al sol voy: soy el amor: soy el verso!

José Martí, Versos Sencillos, Canto 17, Estrofe 07

Cantiga, que me transporta da angústia, ao sono da paz; é o som da chave na porta e os teus passos, logo atrás...

Almerinda Liporage, em Trovaregre 0111

Ah, se pudesse eu queria o Natal bem diferente: um dia só de alegria e paz para nossa gente!

Elza Mora, em Koisalinda 9912

Não há na vida riqueza que valha a satisfação de ter à volta da mesa a família em comunhão!

Maria Amélia Brandão de Azevedo, em BI UBT SP 0111

Num tom de voz que a piedade ungia, falava o padre ao crente do Alcorão, que no leito de morte se estorcia: – “Implora de Jesus a compaixão.

Deixa Mafoma, ó filho da heresia, e abraça a sacrossanta religião do que morreu por nós...” E concluiu: “Se te queres salvar morre cristão.”

Ao filho de Jesus, o moribundo, ergueu o olhar esbranquiçado e fundo, onde da morte já descia o véu.

Mas logo se estorceu na ânsia extrema e ao ver da Redenção o triste emblema, ruge expirando: “Alá nunca morreu!”

Augusto de Lima (1859-1943), Evangelho e Alcorão; em Estro 0177

Sonho de olhos abertos, caminhando não entre as formas já e as aparências, mas vendo a face imóvel das essências, entre idéias e espíritos pairando...

Que é mundo ante mim? fumo ondeando, visões sem ser, fragmentos de existências... uma névoa de enganos e impotências sobre vácuo insondável rastejando...

E dentre a névoa e a sombra universais só me chega um murmúrio, feito de ais... É a queixa, o profundíssimo gemido

das cousas, que procuram cegamente na sua noite e dolorosamente outra luz, outro fim só pressentido...

Anthero Tarquinio de Quental (1842-1891), Contemplação; em Obras Primas da Poesia Universal (Sérgio Milliet); Martins, 3ª Edição, 1963

Conta-se que Diógenes, um dia, vestindo sempre a mesma velha roupa, lavava umas lentilhas na água fria, para depois as pôr na sua sopa.

Mas, Aristipo, que seu rei vivia a bacular, indo de vento em popa, vendo o que o velho Diógenes fazia, da crítica o filósofo não poupa:

“Ah, se tivesses pelo rei apreço, havias de viver às maravilhas!” E Diógenes lhe diz: “É alto o preço.

Sou muito grato pelo teu conselho, mas prefiro, sentado, ter lentilhas, a ter real comida de Joelho.”

Ziver Ritta, Filósofos; em Fanal 0110

Yo soy un hombre sincero de donde crece la palma, y antes de morirme quiero echar mis versos del alma.

Yo vengo de todas partes, y hacia todas partes voy: arte soy entre las artes, en los montes, monte soy.

Yo sé los nombres extraños de las yerbas y las flores, y de mortales engaños, y de sublimes dolores.

Yo he visto en la noche oscura llover sobre mi cabeza los rayos de lumbre pura de la divina belleza.

Alas nacer vi en los hombros de las mujeres hermosas: y salir de los escorbos volando las mariposas.

He visto vivir a un hombre con el puñal al costado, sin decir jamás el nombre de aquella que lo ha matado.

Rápida, como un reflejo, dos veces vi el alma, dos: cuando murió el pobre viejo, cuando ella me dijo adiós.

Temblé una vez, – en la reja, a la entrada de la viña, – cuando la bárbara abeja picó en la frente a mi niña.

Gocé una vez, de tal suerte que gocé cual nunca: – cuando la sentencia de mi muerte leyó el alcaide llorando.

Oigo un suspiro, a través de las tierras y la mar, y no es un suspiro, – es que mi hijo va a despertar.

Si dicen que del joyero tome la joya mejor, tomo a un amigo sincero y pongo a un lado el amor.

Yo he visto al águila herida volar al azul sereno, y morir en su guarida la víbora del veneno.

José Martí (28.01.1853-19.05.1895), Versos Sencillos, Cantos 01, 34 e 38; de José Martí Poesía Completa – Tomo I: Editorial Letras Cubanas, La Habana, 1985

Yo sé bien que cuando el mundo cede, lívido, al descanso, sobre el silencio profundo murmura el arroyo manso.

Yo he puesto la mano osada, de horror y júbilo yerta, sobre la estrella apagada que cayó frente a mi puerta.

Oculto en mi pecho bravo la pena que me lo hiera: el hijo de un pueblo esclavo vive por él, calla, y muere.

Todo es hermoso y constante todo es música y razón, y todo, como el diamante, antes que luz es carbón.

Yo sé que el necio se entiera con gran lujo y con gran llanto, – y que no hay fruta en la tierra como la del composanto.

Callo, y entiendo, y me quito la pompa del rimador: cuélgelo de un árbol marchito mi muceta de doctor.

¡Penas! ¿quién osa decir que tengo yo penas? Luego, después del rayo, y del fuego, tendré tiempo de sufrir.

Yo sé de un pesar profundo entre las penas sin nombres: ¡la esclavitud de los hombres es la gran pena del mundo!

Hay montes, y hay que subir los montes altos; ¡después veremos, alma, quién es quien te me ha puesto al morir!

¿Del tirano? Del tirano di todo, ¡di más!: y clava con furia de mano esclava sobre su oprobio al tirano.

¿Del error? Pues del error di el antro, di las veredas oscuras: di cuanto puedas del tirano y del error.

¿De mujer? Pues puede ser que mueras de su mordida; pero no empañes tu vida diciendo mal de mujer!

No Natal demos as mãos numa ciranda de amor pois todos somos irmãos na Família do Senhor!

Deley Canales, em Koisalinda 9912

No fim do ludo vidas apostam nada ...e ganham tudo.

Magda Regina Lugon: de Os Limites do Reino, 1993

Mais um Natal se aproxima desejo que a luz divina do dia em que Cristo nasceu pare entre a humanidade e traga mais fraternidade a todos os filhos de Deus...

Helena Agostinho, Natal; em Koisalinda 9912

Tanta pedrada e despeito atiraram sobre mim que uma pedra, de mal jeito, veio alojar-se em meu rim...

Eu não toco nem de ouvido... mas, no hospital, fiz, de cor, sentindo um rim entupido: Variações em Rim Maior...

No meu corpo que não cansa, a malandragem não medra; pois até quando descansa, o meu rim carrega pedra...

Luiz Otávio, em Ecos do Silêncio – Coordenação Jorge Murad, 1996

Homem e mulher são ilhas com seus próprios universos; saber dessas maravilhas, só em migalhas... nos versos...

Natal! com fervor profundo, minha prece ainda insiste: – Senhor, não haja no mundo nenhuma criança triste

O progresso traz mudanças, cria fábricas e usinas, mas esquece das crianças que dormem pelas esquinas.

A ajuda mais importante que se pode dar a alguém, é torná-la confiante nos valores que ela tem.

Papai Noel, entalado, na chaminé, que tristeza, saiu de saco queimado: a lareira estava acesa.

Foram tantos namorados com mãos lascivas demais, que hoje ela é um banco de dados só de impressões digitais!

Tem mulher com cheiro doce que nem mel sabe explicar. Mas se mel um dia fosse, nem abelha ia pousar.

Caminheiro, dispenso guias qualquer reparo.

Só, ando solando suando sovando meu pão mais certo que o fadário desta canção.

Itinerário: – não alimento nenhum dilema nenhuma ilusão.

Itinerário: – nos signos me (re)invento a cada poema.

Itinerário

Meu canto, o trabalho.

Sei do que posso colher ao talho. Por que o poço se falho?

Sei da importância da seiva na folha. E sei de minha faina ainda que falhe.

Poema e braço (de)pendem da mesma razão.

Solstício IV

Artemio Zanon (Av. Itamarati 625; 88304-400 – Florianópolis, SC); em Tempo de Execução: Garapuvu 2000

O que divide não é o instrumento mas o juízo em seu discernimento.

Há no soco, por exemplo, desabafo e dor.

A reconstrução é sempre mais noticiada: – dentre outros motivos as reinvenções.

Há no verso – meu tempo! – liberdade; e há no coração eternidade.

Reinvento

Por enquanto há luz dentro de minha morada.

O acesso não se faz através de atalhos ...mas todos os caminhos possíveis plenamente segundo a demanda.

Nos caminhos vigia os passos. Que não te firas e a ninguém no percurso: – há sempre mais um lugar para outro além de ti

que ainda que caminheiro lado a lado.

Ante-sala

Cores se abrem no campo e flores. Primavera.

Borboleta passeia e no quarto se instala. Comunhão a dois.

Na geografia azul pássaros voam cantando ilusões.

Ardem as cores no tempo e horizonte. Verão.

Cores amadurecem nas árvores e no chão. Outono.

Sobre vitórias-régias o sol se derrama compondo girassóis.

Formigas na sala me fazem companhia. Fora, a vida arde...

Flora Egídio Thomé, de Haicais, 1999

A conquista por você. Uma loucura que hoje teve cura.

Valdenir T. Magalhães, Amor; em Jornal Leco 0111 Caixa Postal 3013, 86025-970, Londrina, PR

Deus fala mais alto na calmaria que na tempestade.

Deus ajuda o marinheiro na tempestade, mas o timoneiro deve estar ao leme.

Enquanto rezas a Deus, vai trabalhando.

Esquecer os mortos é esquecer-se de si mesmo.

A confiança e a fé que vêm apenas do coração tanto podem criar Deus como um ídolo.

É muito fácil abalar a fé que um homem tem em si mesmo. Aproveitar-se disso para quebrar o seu espírito é diabólico.

Há mais fé em dúvida honesta do que em muitos credos.

Em matéria de fé e de esperança todos discordam, mas a preocupação de toda a humanidade deve ser a caridade.

Ilka Brunhilde Laurito, de Instantes de Reflexão Fé: Melhoramentos, 2000 Seleção Masau Simizo

Tem mulher com cheiro doce que nem mel sabe explicar. Mas se mel um dia fosse, nem abelha ia pousar.

Quem, por prêmio, as represálias da vida, aceita feliz, herdou, por certo, as sandálias de São Francisco de Assis!

Albertina Moreira Pedro

Atalho em amor não siga, nem por gosto de aventura... – Vale mais a estrada antiga, que é antiga... mas é segura!

Héron Patricio

Uma linda profecia o Criador nos revela quando a mão de um novo dia nos abre a sua janela.

Regina Célia de Andrade

XI Jogos Florais de Amparo III Concurso-Homenagem 2001

Nunca chame de medrosos aqueles que evitam falhas; só os homens cautelosos vencem as grandes batalhas.

A saudade, entre os segredos e os temores da paixão, toca, de manso, os seus dedos nas cordas do coração!

Eduardo A. O. Toledo

Sem receios, destemida, lutei, conquistei, perdi... Agora, vejo que a vida me deu mais do que pedi.

Therza Costa Val

XIII CIT Cidade de Belo Horizonte 2001



Desejamos a todos um Natal e um Ano Novo com saúde e alegria.

Larissa Lacerda Menendez
Lávia Lacerda Menendez
Mária Racema Gomes Lacerda Menendez
Manoel Fernandes Menendez



CAPRICÓRNIO: SIGNO DA TERRA

Capricórnio é o décimo signo do zodiaco (22 de dezembro a 20 de janeiro); é regido por Saturno e o seu elemento é a terra. O signo complementar de Capricórnio é Câncer; seu oposto é Áries.

As principais características de Capricórnio são: equilíbrio, tranquilidade e prudência

Help! Multi Mídia Estádio HMI 18

Personagem típico: Velho Grandet, o pai de Eugénie Grandet (1833), de Honoré de Balzac (1799-1850)

The Brazilian Living Webster Encyclopedic Dictionary of the English Language 1973



TEMAS DA SAZÃO (QUIDAI)S VERÃO

| | | |
|---|--|---|
| Brincam caranguejos, chafurdando-se na lama. Maré descendente. Angela Togeiro | Fila de formigas levando meu pé de rosas, mas em pedacinhos. Fernando Vasconcelos | Bela piracema transforma peixes em pássaros, voando pra vida. Maria App. Piccano Goulart |
| Dentro do jardim borboletas fazem festa... amínios abertos. Anita Thomaz Folmann | Passeio de bicicleta nas praias do Guarujá... Ah... água de coco! Gium Gá | Lilases e roxas. Para as hortênsias nos vasos água bem quenteinha. Nadyr Leme Ganzert |
| Chuva de granizo. O jardim da minha casa lembra um mar de gelo. Antônio Soares | Subindo e descendo serelpe a lagartixa! Insetos, perigo! Haroldo R. Castro | Amiga distante com palavras carinhosas. Cartão de Natal. Olga Amorim |
| Aniversário de mãe buraco na certidão só a traça sabe. Carlos Roque B. de Jesus | Taça de sorvete, um cigarro a fumar. Paixão revivida. Helvécio Durso | Surfinistas se alogam. No Dia do Salva-vidas, trabalho dobrado. Olga dos Santos Bussade |
| Resendo um cartão. No Dia do Jornaleiro a banca festeja! Cecília do Amaral Cardoso | A Rosa, no banco do jardim primaveril, beijando outra rosa! Hermoclydes S. Franco | Notícias adiadas. No Dia do Jornaleiro, barracas fechadas. Roberto Resende Vilela |
| José e Maria entre o carneiro e a vaca. O menino chora. Cecy Tupinambá Ulião | Na chuva tristonha, a gargalhada de Deus no som do trovão. João dos Santos | Morre mais um dia... Crepuscular <i>rêveillon</i> , finta alegria! Santos Teodósio |
| Entendo as pétalas o jasmim recorre à brisa. Um agrado à rosa. Demétrio Sena | E o gurizinho observa caquinhos de nuvens. José Walter da Fonseca | Uma lufada de vento, chuva de formigas. Sérgio de Jesus Luizato |
| Acabou a chuva... A natureza riscou no infinito – arco-íris! Edel Costa | Outro ano vem vindo e aos abraços, auguramos. Explosões no céu. Lúvia Lacerda Menendez | Chuva de granizo: barulheira infernal pelas ruas do piso. Sérgio Serra |
| Cartão de Natal. Escorrega o Bom Velinho pela chaminé. Ercy M. M. de Faria | No canto sem luz, pedaço de sol girando?! Ah... um luzasso! Leonilda Hilgenberg Justus | Calor abundante. Mictórios lotados. Thalma Tavares |
| Bálsamo postal, ternura hoje mágicos cura... Cartão de Natal. Fernando L. A. Soares | Chuva e vento, fortes, no Dia do Jornaleiro. Batismo em jornais! Lucília A. T. Decarli | Flamboia da estrada tardiamente florido grato à borrasca. Yedda Ramos Maia Patrício |



SELEÇÕES MENSAIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Remeter até 30.01.02, quigos à escolha: Andorinha, Dia do Arquiteto, Jacinto.

Remeter até 28.02.02, quigos à escolha: Araçá, Bagre, Ceia de Natal.

Cada haicu deve ser como um instantâneo diante do quigo (palavra da sação). Evitar ao máximo pois, todo o texto impossível de ser revelado numa fotografia. Sobre os trabalhos remetidos, quando necessário, orientaremos visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção do haicu. Enviar para:

Manoel Fernandes Menendez
Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132
01150-011 - São Paulo, SP

1. Preencher até três haicus, (veja quigos acima, à escolha) em uma única 1/2 folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinônimos *corretos* dos respectivos quigos – palavras da estação, ou seja, sinônimos referentes à natureza.
2. Posteriormente o haicuista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.
3. Sete dias após remessa do rol para escolha, o haicuista enviará seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterá, respectivamente, o nome do haicuista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicus de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.
4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

SENRIU à OCIDENTAL

A poinsetia engana: é asa-de-papagaio, parece-e-não-é. Héron Patrício

Uma poinsetia fez meu coração poeta chorar de emoção. Alison Cardoso de Oliveira

O sonho passava pelas ruas da esperança. Dia do Estudante. Regina Célia de Andrade

Presente do céu. Espetáculo de dança dos flocos de neve. Renata Paccolla

Presente do céu. Jardim bem cuidado alameda de sonetistas... Natureza ativa. Djalda Winter Santos

Na praça, muita algarazara. Risos e protestos. Dia do Estudante!!! Amália Marie G. Bornheim

Neve cobre os campos. Alvo tapete de gelo aprisiona a grama. Walma da Costa Barros

Uma poinsetia fez meu coração poeta chorar de emoção. Alison Cardoso de Oliveira

O sol da ilusão resplandecendo no peito Dia do Estudante. Regina Célia de Andrade

Neve acumulada. louvores da diretora. Dia do Estudante! Edmar Janássio Maia

Noite muito fria. Surpresa ao amanhecer: – neve sobre os campos! Maria Madalena Ferreira

Amália Marie G. Bornheim

A S P R O F E S S O R I N H A S

Djanira Pio (Caixa Postal 11.161, CEP 05422-970 – São Paulo, SP), de Fragmentos – Contos: Ysayama, 1998

Naquele trecho do Rio Paraná é possível brincar na praia. O Rio Verde oferece um espetáculo, ao correr paralelamente ao outro, por um longo percurso, antes de entrar em entendimentos e misturar suas águas verdes às águas brancas.

As professorinhas não resistiram e em doces brincadeiras, no clima quente e num ambiente saudavelmente irmanado, molharam suas roupas que depois secaram no corpo. Estavam alegres e

felizes. Começavam uma vida profissional, eram jovens, e a eternidade da vida, ainda uma certeza.

Cada dia era uma aventura. Amanhecia rápido, um sol claro e valente iluminava o mundo. A única rua da cidade era só delas. Por isso, durante a caminhada matinal, encontrava-se a natureza, muito igual, plana, mas natureza. As crianças iam se agregando na caminhada. Mas, os dias, os meses, os anos, foram igualmente se agregando à caminhada.

V O L T E I N O T E M P O

Conceição Parreiras Abritita, de Janela dos Ventos: Speed, 1999

igreja aos domingos e mais tarde me casei.

Passei em frente à minha casa: branca, sólida, solitária... Sim, solitária... Onde se encontravam seus moradores de há tantos anos atrás?! Nas noites enluaradas daquela época, ficávamos na varanda da frente, todos nós, repetindo os boleros cantados por Gregório Barrios e os baïões de Luiz Gonzaga. “E até mesmo a asa branca, bateu asas e voou”... Eu fazia dueto com minha irmã, cantando em segunda voz. Ríamos, contávamos casos até mais tarde, a família toda reunida. Colégio bem cedo, na manhã seguinte. Naquele tempo, Belo Horizonte ainda era uma Capital pequena, com jeito de cidade do interi-

As professorinhas, irmãs nas brincadeiras dominicais, às margens do Rio Verde, se dispersaram pelos caminhos. Muitas águas correram no Rio Verde e muitas águas correram em cursos menos verdes.

Escolas diferentes, cidades diferentes, outras colegas, outros tempos.

Cabelos brancos, fim de carreira, realizações e frustrações, são componentes de uma jornada. Outras pessoas se agregaram pelos caminhos.

or... Nos bairros todos se conheciam. Tudo se sabia a respeito de todos.

Lembrei-me de meus pais, de meus irmãos, dos amigos... Muitos já partiram nos braços do infinito, outros sumiram na imensidão da vida.

Fui à igreja. Aquela que conhecia palmo a palmo, pois presenciara toda a sua construção. Como a achei linda!... Agora é uma basílica. Tive a impressão que o santo lá do altar me reconheceria. Sentí uma expressão alegre em seu olhar, como se me desse boas-vindas.

O supermercado da esquina ficara ainda muito maior. Vi sua proprietária, uma italiana bonita. O

HAICUS EM FOLHA

| | | |
|---|--|--|
| Fino véu de neve veste de noiva a manhã. Divina branca... Elen de Novais Felix | Bonecos de neve crescem nas mãos das crianças enfeitando o inverno. Alba Christina | Madrugada fria. A neve invade a montanha. Paisagem sulina. João Batista Serra |
| O manto da neve se estende sobre sementes que dormem tranqüilas. Regina Célia de Andrade | Na estrada da serra, um raio de sol, se espelha, no manto de neve. Maria Reginato Labruciano | Casa abandonada. Entre arbustos decadentes, poinsetia branca! Humberto Del Maestro |
| Poinsetia se mostra na vermelhidão das folhas dançantes ao vento... Analice Feitosa de Lima | A casa deserta. Lá fora, a neve avoluma. Dentro, a solidão! Olíria Alvarenga | Toques de cubismo na ramagem da poinsetia contra um muro branco. Darly O. Barros |
| Os flocos de neve, empurrados pelo vento, dançam leves no ar... Amália Marie G. Bornheim | Festa no colégio, hoje é Dia do Estudante. Abraços fraternos! Alison Cardoso de Oliveira | Escolas vazias. Crianças lotando os parques. – Dia do Estudante. Maria Madalena Ferreira |
| Um pássaro congelando no meio da neve... Analice Feitosa de Lima | Luz do farol, escorrega na encosta da serra. Maria Reginato Labruciano | e as crianças se divertem. Boneco de neve. Renata Paccolla |
| Há neve lá fora... Um casal enamorado, taças tilintando... Djalda Winter Santos | Caubam as aulas procurando restaurante. Dia do Estudante. Manoel F. Menendez | Alvura gelada. A neve tinge a paisagem no sul do Brasil. Walma da Costa Barros |
| espetáculo de dança dos flocos de neve. Renata Paccolla | Restaurante em festa. Na hora da conta, o <i>pindura</i> . Dia do Estudante. Renata Paccolla | A noite cai lentamente. Clima aprazível. João Batista Serra |
| Jardim bem cuidado alameda de sonetistas... Natureza ativa. Djalda Winter Santos | O vento carrega as flores da poinsetia... Neve acumulada. Elen de Novais Felix | Palanque na praça. Palestras... grande euforia. Dia do Estudante! Olíria Alvarenga |
| Na praça, muita algarazara. Risos e protestos. Dia do Estudante!!! Amália Marie G. Bornheim | Neve cobre os campos. Alvo tapete de gelo aprisiona a grama. Walma da Costa Barros | As mães recolhidas. Nas sombras da madrugada, brancura da neve. Humberto Del Maestro |
| Neve cobre os campos. Alvo tapete de gelo aprisiona a grama. Walma da Costa Barros | Surpresa ao amanhecer: – neve sobre os campos! Maria Madalena Ferreira | Noite iluminada!!! A neve cai em silêncio e acoberta a vila. Amália Marie G. Bornheim |

Acordei e abri os olhos ainda sonolentos. Então me lembrei: hoje seria aniversário natalício de minha mãe... Fechei novamente os olhos, recordando-me de anos passados.

Aquele devaneio deu-me tamanha saudade... De um salto coloquei-me de pé. Tomei um banho ligeiro, engoli o café com um *biscoito de água* e lá estava eu, na garagem de meu prédio, já tirando o carro.

Em pouco tempo cheguei ao meu bairro. Aquela em que cresci brincando nas calçadas, divertia-me nas barraquinhas das quermesses, nos inocentes bailes em casas de amigas, onde cantava no coro da

– Doutor, tem um senhor aqui na portaria que diz que é o Papai Noel.

– Quem?

– Papai Noel.

– Pergunta quem é.

– Papai Noel. Ele diz que é Papai Noel.

– Pergunta o nome.

– É Noel.

– Diz pra ele deixar de brincadeira e dizer o nome verdadeiro.

– Noel. Ele está dizendo Noel.

– Como é o tipo dele?

– Gordo. Barba branca. Roupa vermelha. Capuz. Botas. Carrega um saco.

– Pergunta se ele tem identidade. Pede a identidade.

– Ele diz que não tem, doutor.

– Nada?

– Ele está dizendo nada.

– Pergunta se...
– Ele diz que tem uma carta do Marcelo.

– Ai, ai, ai. De onde ele conhece o meu filho?

– Ele diz que não conhece. Só recebe uma carta.

– Pede para ver a carta.

– Estou com ela aqui, doutor.

– Como é a carta? Me descreva a carta.

– Bom... Letra de criança... É uma lista de pedidos. Assinado “Marcelo”.

– Tem o nosso endereço?

– Não, Só “Marcelo”.

– Pede para ver o envelope.

– Sim senhor... Está aqui. Envelope. Deixa ver. Endeçado a... “Papai Noel, Pólo Norte”.

– Não tem o endereço do remetente?

– De quem?

– De quem mandou a carta, seu Valdomiro.

– Não. Só “Marcelo”.

– Você já deixou ele passar pelo portão?

– Não. Ele está aqui na janelinha da guarita.

– Deixa eu falar com ele.

– Sim senhor. Um momentinho.

– Sim?

– Quem fala?

– Papai Noel.

– Como é o seu nome, por favor.

– Papai Noel.

– Olhe, eu não tenho tempo para... É o Danúsio? É você, Danúsio? Deixa de brincadeira.

– É o Papai Noel. Trazen-

do os presentes, que seu filho pediu.

– É promoção, é isso?

– Como?

– É promoção de alguma loja? De algum produto? Se é, ninguém aqui está interessado.

– É o Papai Noel.

– Vamos acabar com esta história. Ou você me diz quem é ou...
– Eu sou o Papai Noel.

– Chega! Não sei como você conseguiu o nome do nosso filho e o endereço dele, mas fique sabendo que nós estamos muito bem protegidos. Ouviu? Muito bem protegidos. Aliás, neste exato momento, você está sendo filmado.

– Eu só queria entregar

os presentes, e vocês não têm chaminé.

– Sei. Os presentes que você trouxe do Pólo Norte para o Marcelo.

– É.

– Feitos na sua oficina, por anózinhos.

– Duendes.

– Duendes. Certo. No Pólo Norte.

– Isso.

– Você fala português muito bem, para quem mora no Pólo Norte.

– Obrigado.

– Como consegue entrar no país sem documento?

– Nunca tive problema.

– Pois fique sabendo que eu já acionei o alarme, está entendendo? Já acionei o alarme e a polícia está vin-

Terceira idade no terceiro mundo. Na pequena e velha fotografia as professorinhas sorriem alegres, despreocupadas, *jeans* dobrados, os pés no frescor das águas. Quem sabe das professorinhas de sorrisos eternos? Quem sabe das águas do Rio Verde? Quem poderá saber daqueles aluninhos, começando a vida, na cidade de uma rua só com alegria e esperança tão grandes que mal cabiam em seus corações?

ter tempo passara também para ela... Corri todas as ruas daquele meu bairro. Sim, aquele bairro era como se fosse propriedade minha. Reconheci cada árvore, cada esquina, lembrando-me de cada antigo morador. Sentí lágrimas rolando pela minha face. Voltei no tempo. E, desta volta, pude notar como os anos passaram volvezmente... Só agora percebia... Voltei no tempo, mas não conseguira me encontrar. O bairro ao qual me refiro é o Prado. A Igreja é a Basílica de São João Maria Vianey, o Santo Cura D’Ars. A minha antiga casa fica na Rua Chopin. E... as recordações são todas minhas...

to, dá no pé enquanto é tempo e não aparece mais aqui.

– Vou deixar os presentes com o porteiro.

– Não vai deixar nada! Passe o fone para o porteiro.

– Muito bem.

– Alô?

– Seu Valdomiro? Não aceite nada dele. O saco pode ser de explosivo. Eles estão agindo em bando. Ele explode a guarita, e o bando entra atrás.

– O senhor acha?

– Não dá pra facilitar. Não dê mais conversa pra esse vagabundo e corre com ele.

– Mas doutor...

– Corre com esse vagabundo!